

“Clarice Lispector para meninas e meninos”: as relações de gênero expressas no livro infantil da Coleção Antiprincesas em análise pelo viés tridimensional do discurso

“Clarice Lispector for girls and boys”: the gender relations in the children’s book of the Antiprincesas Collection in analysis by the three-dimensional bias of discourse

Juliana Petermann¹
petermann@ufsm.br

Desireè Ribas Fumagalli¹
desireeribas@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, nos dedicamos a compreender as estratégias discursivas de abordagem de gênero no livro da Coleção Antiprincesas intitulado “Clarice Lispector para meninas e meninos”. A partir desta obra, buscamos mapear a relação existente entre as estratégias discursivas e a nova proposta de abordagem de gênero expressa no livro. A perspectiva de gênero que ampara as discussões propostas por esta pesquisa parte da concepção pós-estruturalista atrelada à história do movimento feminista contemporâneo, que compreende o gênero a partir de um viés relacional, e neste estudo é abordado especialmente com base em Louro (2008) e Butler (2003). O enfoque metodológico que ampara essa discussão consiste na Análise Crítica do Discurso estruturada por Norman Fairclough (2001), já que, esse delineamento permite vincular o discurso com as relações de poder e ideologia. Como resultado, destacamos rupturas no que se refere às performances de gênero desempenhadas por Clarice Lispector no livro infantil, no qual é possível observar o esforço em estabelecer relações entre o texto e o contexto, por meio de estratégias discursivas de aproximação com a realidade. A obra

ABSTRACT

In this article, we focus on understanding the discursive strategies of gender approach in the book of the Antiprincesas Collection titled “Clarice Lispector for girls and boys”. From this literary work, we seek to map the relationship between the discursive strategies and the new proposal of a gender approach expressed in the book. The perspective of gender that supports the discussions proposed by this research starts from the poststructuralist conception tied to the history of the contemporary feminist movement that understands the gender from a relational perspective, and in this study is approached especially based on Louro (2008) and Butler (2003). The methodology that supports this discussion is the Critical Discourse Analysis structured by Norman Fairclough (2001), since this delineation allows linking the discourse with the relations of power and ideology. As a result, we highlight ruptures regarding the gender performances by Clarice Lispector in the children’s book, in which it is possible to observe the effort in establishing relations between the text and the context, through discursive strategies of approximation with reality.

¹ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Av. Roraima, 1000, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria (RS)

oferece diferentes possibilidades de representação ao apresentar uma antiescritora, com uma vida inquieta, repleta de situações de inconformação e transformação, que não seguem o padrão de uma matriz hegemônica.

Palavras-chave: Gênero. Livro infantil. Antiprinçasas. Discurso.

The book offers different possibilities of representation when presenting an anti-writer, with a restless life, full of situations of inconformity and transformation, which do not follow the pattern of a hegemonic matrix.

Keywords: Gender. Children's book. Anti princess. Discourse.

Introdução

Neste artigo, adotamos como ponto de partida uma perspectiva que acredita na necessidade de vincular o gênero à educação, por meio da literatura infantil. Para tanto, concebemos o prisma discursivo como principal ângulo para pensar o livro infantil, não apenas a partir de seu papel educativo, mas como objeto midiático, inserido contextualmente e detentor de grande importância social.

Este texto é parte de uma pesquisa de maior abrangência que se encontra em desenvolvimento, cujo intuito é compreender, por meio da análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 2010), quais estratégias discursivas são utilizadas nos livros antiprinçasas para romper com paradigmas de gênero.

A Coleção Antiprinçasas pertence à Editora Chirimbote, uma editora independente voltada para a desconstrução de paradigmas de gênero. Os livros que integram a Coleção divulgam um olhar que questiona os tradicionais contos de fadas e apresenta protagonistas com histórias reais, tal como Clarice Lispector, Frida Kahlo e Violeta Parra.

Neste texto, nos dedicamos a explorar analiticamente o livro denominado “Clarice Lispector para meninas e meninos”, no qual a protagonista é apresentada como uma antiescritora, que se desvinculou de estruturas e regras para expor seu próprio modo de escrever e contar histórias.

Para compor o percurso de teórico que será exposto a seguir, apoiamos-nos na perspectiva da midiática a partir de Braga (2011); na concepção pós-estruturalista dos estudos de gênero, com Butler (2003) e Louro (2008); e no viés discursivo e linguístico a partir de Fairclough (2001) e Halliday (1989; 1994).

Perspectivas teórico-metodológicas

Para compreender o livro infantil como objeto midiático, contamos com o apoio de Braga (2011), ao

considerar a perspectiva da midiática como um interessante pressuposto para pensar o papel da mídia inserida no contexto social. A midiática enfatiza os “processos segundo os quais ‘as mídias funcionam’, mas também pelos quais a sociedade contemporânea historicamente aciona suas interações” (BRAGA, 2011, p. 68).

Nesse sentido, pensamos a obra literária como mídia, não somente a partir das estratégias discursivas, mas a partir da esfera social, questionando paradigmas de gênero na infância. Nessa perspectiva, o livro infantil está inserido em um processo de midiática, que dá sentido ao seu papel como literatura, bem como, ao seu papel midiático de representação e configuração da realidade.

No intuito de compreender as estratégias discursivas das obras literárias infantis em relação com as questões de gênero, estabelecemos como perspectiva metodológica a análise crítica do discurso. De acordo com Norman Fairclough (2001, p. 31), a análise crítica atrela o discurso às relações de poder e ideologia, bem como “os efeitos construtivos que o discurso exerce sobre as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença”. Ou seja, a escolha por uma perspectiva crítica de análise, insere-se na importância de compreender não somente as implicações textuais nos discursos do livro infantil, mas também as relações hegemônicas e ideológicas inseridas nesses discursos. Consideramos esse panorama de análise fundamental, na medida em que adotamos o gênero como um dos principais focos de investigação.

A abordagem do gênero que ampara as discussões propostas por esta pesquisa parte de uma perspectiva pós-estruturalista atrelada a história do movimento feminista contemporâneo.

Adotamos como ponto de referência, o panorama recente de abordagem do gênero, que se configura com um forte apelo relacional, de modo amplo. “Busca-se intencionalmente contextualizar o que se afirma ou se supõe sobre os gêneros, tentando evitar as afirmações generalizadas a respeito da ‘Mulher’ ou do ‘Homem’” (LOURO, 2008, p. 22). No sentido de “desmontar esse

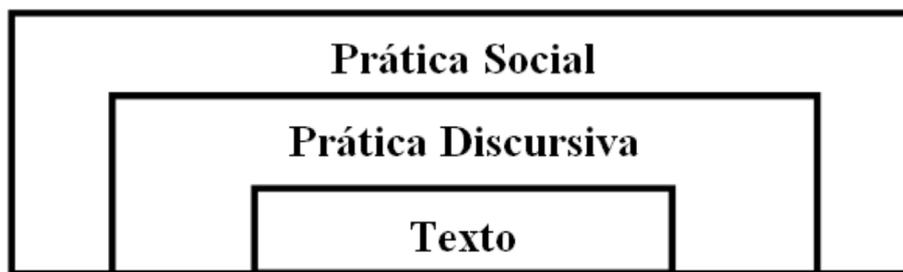


Figura 1. Conceção tridimensional do discurso.

Figure 1. Three-dimensional conception of discourse.

Fonte: Adaptado de Fairclough (2001)

duplo procedimento de naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a homens e mulheres são consideradas inatas, derivadas de distinções naturais, e as desigualdades entre uns e outras são percebidas como resultado dessas diferenças” (PISCITELLI, 2009, p. 119).

Com o subsídio de Louro (2008), buscamos compreender o gênero para além de fundacionalismos biológicos, mas a partir de uma ambiência social e relacional. Essa concepção requer considerar o gênero através de uma associação intrínseca com a identidade do sujeito ou sujeita, “a idéia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. [...] Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições ‘fabricam’ os sujeitos.” (LOURO, 2008, p. 25). Nesse sentido que buscamos conectar o estudo do gênero ao texto, às práticas sociais, e às práticas discursivas por meio da linguagem. Essas intenções partem da necessidade de complexificar as representações de mulheres como sujeitas, uma vez que, “a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres” (BUTLER, 2003, p. 18).

Salientamos a necessidade de compreender o gênero como algo constituinte da identidade dos sujeitos e das sujeitas, tal como ponderado por Louro (2008). No entanto fazendo uma ressalva fundamental: “se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo que esse alguém é” (BUTLER, 2003, p. 20). Essa ressalva é frisada para não direcionarmos a compreensão das relações de gênero a partir de uma suposição de que o termo mulheres denote uma identidade comum, mas que seja compreendido a partir de intersecções com outras modalidades, como a classe, a raça e a etnia (BUTLER, 2003).

Ao avançar na compreensão do gênero, cabe re-

alçar, a partir de Butler (2003), que o gênero e também o sexo são meios discursivos e culturais pelos quais a natureza sexuada é estabelecida como pré-discursiva, para assegurar a estrutura binária do sexo. A autora questiona o caráter imutável do sexo, ou seja, para Butler (2003) a configuração das concepções que hoje são entendidas como naturais são atribuições de uma lógica discursiva amplamente difundida e reforçada ao longo da história. “Se o gênero ou o sexo são fixos ou livres, é função de um discurso que [...] busca estabelecer certos limites à análise ou salvaguardar certos dogmas do humanismo como um pressuposto de qualquer análise do gênero” (BUTLER, 2003, p. 27).

Essas marcas no comportamento estão diretamente conectadas com o conceito de gênero para Butler (2003). Para a autora, “o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero” (BUTLER, 2003, p. 48, grifos da autora). Ao afirmar que o gênero é performativo, Butler (2003) refere-se aos comportamentos de gênero como performances que são mantidas e sustentadas por estratégias de um discurso fundamentado biologicamente.

Partimos da concepção de Butler (2003) para estabelecer relações entre as representações de gênero e o discurso, concebendo a linguagem como ferramenta fundamental de experiência discursiva voltada para bases culturais hegemônicas, através de estruturas binárias, que estabelecem performances de gênero. No entanto, especialmente a partir de Fairclough (2001), acreditamos em possibilidades de mudança social a partir do discurso, e, assumimos o livro infantil como alternativa para uma linguagem plural que possibilita representações contra-hegemônicas.

	Texto	Prática discursiva	Prática social
Metafunção textual	Tema	Discurso	Ordens de discurso
Metafunção Ideacional	Transitividade	Tipo de atividade	Efeitos ideológicos e políticos do discurso
Metafunção Interpessoal	Modalidade	Estilo	Matriz social do discurso

Quadro 1. Categorias de análise.

Chart 1. Categories of analysis.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Fairclough (2001) e Halliday (1989; 1994)

A partir desses pressupostos teóricos, adotamos como embasamento para a análise crítica do discurso o quadro tridimensional de Fairclough (2001), que considera o texto, a prática discursiva e a prática social (Figura 1).

O discurso como *texto* está atrelado, especificamente, à linguística e aos sentidos do texto. A *prática discursiva* diz respeito à ambiência em que se encontra o texto, ponderando as relações entre textos e sujeitos ou sujeitas. Por fim, no que se refere ao discurso como prática social são consideradas as potencialidades de ação e transformação existentes na linguagem a partir da análise de relações ideológicas e hegemônicas presentes nos textos. (FAIRCLOUGH, 2001).

A partir de Halliday (1989), adotamos a perspectiva sistêmico-funcional através das três metafunções da linguagem, que compõem o quadro analítico de investigação do livro infantil. As três metafunções da linguagem são propriedades que nos auxiliam a compreender os usos atribuídos à linguagem. A metafunção ideacional é relacionada à compreensão do mundo em nossas experiências por meio da linguagem; a metafunção interpessoal refere-se à ação dos participantes, considerados no processo de interação social; e a metafunção textual configura a própria organização do texto, que permite que ele seja compreendido como tal (HALLIDAY, 1989).

Em suma, os pressupostos metodológicos que amparam esse exercício de análise são a concepção tridimensional do discurso (FAIRCLOUGH, 2001) e a linguística sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1989). Através do alinhamento dessas proposições e, com enfoque direcionado principalmente às três dimensões do discurso, estruturamos nove categorias de análise, expressas no quadro a seguir (Quadro 1).

Em relação ao texto priorizamos três categorias da gramática sistêmico-funcional: o tema, a transitividade e

a modalidade.

O ‘tema’ consiste em uma forma de caracterizar a ênfase dada ao texto de acordo com a posição dos elementos na oração. Sendo assim, refere-se à parte inicial da oração, o ponto de partida, de modo que o restante é classificado como ‘rema’. Esta categoria permite compor uma aproximação com o teor do texto, verificando os aspectos que se destacam de acordo com a estrutura das orações (HALLIDAY, 1994).

A transitividade remete aos tipos de processos e participantes favorecidos no texto, bem como a escolha de vozes empregadas. Analisamos essa categoria especificamente a partir dos tipos de processos presentes no texto, isto é, relacionada aos tipos de ações empregadas nas orações e ao que elas expressam, com base nos processos material, mental e relacional. O tipo de processo material refere-se às ações do mundo externo e é expresso a partir de verbos como ‘correr’, ‘comprar’, ‘morar’; o processo mental refere-se a experiências internas da consciência, expresso a partir de verbos como ‘pensar’, ‘refletir’, ‘sentir’; e o processo relacional refere-se procedimentos que classificam e identificam, através dos verbos ‘ser’ e ‘estar’. Esses três tipos de processos nos permitem classificar os principais trechos do livro infantil de acordo com as atividades humanas expressas no discurso (HALLIDAY, 1994).

Por fim, a modalidade é “um ponto de intersecção no discurso, entre a significação da realidade e a representação das relações sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 201). Logo, essa categoria nos permite interpretar as relações sociais presentes no discurso e o controle das representações da realidade. A presença da modalidade que analisamos no livro é atrelada a três aspectos principais: a) os verbos auxiliares modais: dever, poder, querer, conseguir, pretender, tentar, chegar; b) os advérbios

modais: possivelmente, obviamente, definitivamente, necessariamente, etc.; c) e as expressões indeterminadas de grau de afinidade como, ‘uma espécie de’, ‘um pouco’, ‘ou uma coisa assim’ (FAIRCLOUGH, 2001).

No que tange à prática discursiva, consideramos três categorias referentes à interdiscursividade: discurso, tipo de atividade e estilo. A interdiscursividade está atrelada a busca pela compreensão dos tipos de discurso e como estes são construídos, procurando explicitar as relações discursivas que compõem o texto.

O discurso como categoria analítica é compreendido como “um modo particular de construir um assunto, [...] por enfatizar que esses conteúdos ou assuntos – áreas de conhecimento – somente entram nos textos na forma mediada de construções particulares dos mesmos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 164). Desse modo, os tipos de discurso são mapeados no *corpus* de pesquisa de acordo com áreas de conhecimento e assuntos propostos.

A segunda categoria pertencente à dimensão discursiva é denominada tipo de atividade. Essa categoria refere-se aos sujeitos e sujeitas presentes no texto. Ou seja, a atividade permite delimitar quais são os e as participantes perante a estrutura do texto.

Por fim, o estilo constitui-se em uma ferramenta para caracterizar o texto em sua relação com o contexto da situação, para tanto, Halliday (1989) propõe três características: o campo, o teor e o modo. O campo indica o que está acontecendo na natureza da ação social; o teor diz respeito às relações que se estabelecem entre as e os participantes, seus status e funções; e o modo se refere à organização simbólica do texto, seu papel no contexto.

Compondo o último eixo de categorias encontra-se a prática social. Nesse âmbito consideramos as ordens, os efeitos ideológicos e políticos, e a matriz social do discurso.

Através das ordens de discurso, objetivamos especificar “o relacionamento entre a instância da prática social e discursiva com as ordens de discurso que ela delinea e os efeitos de reprodução e transformação das ordens de discurso para as quais contribui” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 290). Ou seja, esta categoria nos permite mapear os traços linguísticos que pressupõem mudanças discursivas. Sendo uma categoria de suma importância para verificarmos quais as estratégias empregadas para romper com paradigmas de gênero.

A segunda categoria pertencente à dimensão social se refere aos efeitos ideológicos e políticos do discurso. Essa categoria está atrelada especificamente à compreensão do investimento ideológico e hegemônico dos textos.

Nesta perspectiva, procuramos compor um panorama de análise que contribua com o mapeamento das relações de dominação e a transgressão dessas relações.

Por fim, a matriz social do discurso se refere às relações e às estruturas sociais hegemônicas que caracterizam o discurso (FAIRCLOUGH, 2001). Ou seja, através da matriz social procuramos demarcar o tipo de discurso que inspirou o desenvolvimento dos livros antiprincesas. Neste caso, concebemos os contos de fadas como matriz social hegemônica que pretendemos explorar ao longo da análise.

Análise

Iniciaremos o percurso de análise abordando inicialmente a dimensão textual, subsequentemente a prática discursiva, e, por fim, a prática social.

Dimensão textual

A seleção dos trechos que serão expostos e analisados a seguir deu-se principalmente a partir da recorrência da modalidade em uma análise prévia. Com base na reincidência desta categoria, adotamos três momentos principais para serem analisados com maior aprofundamento: o início, o desenvolvimento e o final da história. De modo que, a interpretação das três categorias (tema, transitividade, modalidade) foi realizada de forma concomitante. As instruções de legenda e as passagens são expostas a seguir (Quadro 2).

Na análise do tema das orações verificamos o uso de uma escolha marcada na primeira oração. Ou seja, na sentença ‘Se pudéssemos espiar por uma janela’ que constitui o primeiro momento do texto, o sujeito não é o tema da oração, o qual é demarcado por um sintagma adverbial. Já nos trechos seguintes vemos escolhas não marcadas, como em ‘veríamos uma senhora’ e ‘Vamos espiar’, nas quais o sujeito é o tema da oração, embora se encontre oculto.

No que se refere à transitividade, salientamos a predominância de processos materiais (ver, sair, morar, fazer, detestar) e processos mentais (sentia, recordava).

Por fim, a modalidade apresentada na sentença “Se pudéssemos espiar por uma janela um momento na vida de Clarice Lispector, veríamos uma senhora tipo madame” indica probabilidade, empregando o verbo auxiliar modal ‘poder’, salientando uma suposição que é desconstruída posteriormente, no momento que se destaca que Clarice

Legenda	Tema - [entre colchetes] Transitividade - negrito Modalidade - <u>sublinhado</u>
Trecho 1	[Se] pudéssemos espiar por uma janela um momento na vida de Clarice Lispector, [veríamos] uma senhora <u>tipo madame</u> : [esbelta], com olhar felino, como que saída de um filme de Hollywood (mas daqueles em preto e branco). [Vamos espiar] <u>mais um tiquinho</u> : [mora] em uma casa em algum lugar da Europa, [faz] festas para os colegas do marido (um diplomata importante) ... [Sim, sim, sim,] poderia ser uma princesa... [Mas] Clarice não quis , [isso] sempre a incomodou . [Mais de uma vez] confessou [que] se sentia como “um peixe fora d’água” entre essa gente fora do Brasil: [“Eu] detestava , [mas] cumpria minhas obrigações: [dava] jantares, [fazia] tudo, mas com náuseas”, [recordava] ela anos depois.
Trecho 2	[E por que] Clarice odiava essa vida diplomática? [Porque] ela era exatamente o contrário!

Quadro 2. Análise das categorias tema, transitividade e modalidade (Trechos 1 e 2).

Chart 2. Analysis of the theme, transitivity and modality categories (Parts 1 and 2).

Fonte: Elaborado pela autora a partir do livro *Clarice Lispector para meninas e meninos*.

é ‘exatamente o contrário’, com a expressão indicando alto grau de afinidade. Nesse último trecho, a ênfase está na contradição com o que foi expresso no trecho anterior.

Esta primeira análise fez um recorte do texto que se encontra no primeiro momento da história. Concluímos que as escolhas marcadas e não marcadas no que se refere ao tema; a frequência de processos materiais e mentais; e a presença da modalidade através de índices de probabilidade e contradição são direcionamentos conectados com o universo imaginativo da literatura infantil, com o objetivo inicial de instigar os leitores e leitoras a se inserirem na história e já romper com algumas concepções de gênero.

As primeiras constatações que observamos são estratégias discursivas que incentivam a leitora e o leitor a ‘espiar’ e ‘ver’ o que será apresentado sobre a vida de Clarice Lispector, indicando inicialmente a possibilidade de existência de ‘uma senhora tipo madame’ ou ‘princesa’, mas que na verdade ‘era exatamente o contrário’. Portanto, neste primeiro momento do livro, e, em especial, a partir da presença da modalidade, salientamos rupturas discursivas no que se refere ao gênero.

Direcionaremos-nos para o segundo momento da análise textual, referente ao trecho intermediário do livro, expresso no quadro a seguir (Quadro 3).

Neste segundo momento do livro verificamos novamente escolhas não marcadas no que se refere ao tema. E, novamente o sujeito fica oculto nas orações ‘Quero voltar para minha terrinha! Quero meus amigos e amigas pertinho!’. Estas primeiras orações referem-se a uma suposta fala de Clarice Lispector mencionada pela

narradora ou narrador. Que segue salientando com o uso de negação na escolha do tema da sentença seguinte: ‘Não sabemos se ela disse tudo isso’. Ainda nesta sentença, no que se refere à transitividade, o emprego do processo mental ‘saber’ precedido de negação elucida o caráter hipotético no que se refere à fala de Clarice. O que evidencia o posicionamento do narrador ou da narradora diante do fato exposto, estabelecendo uma relação de credibilidade e transparência com a leitora e o leitor.

Também concernente à transitividade, destacamos novamente a presença de processos materiais como: ‘morar’, ‘escrever’, ‘trabalhar’, ‘gastar’, já procurando ambientar leitores e leitoras em um contexto mais concreto que o anterior, evidenciado inclusive pelo uso de aspas em uma fala retirada, de fato, de um discurso de Clarice Lispector.

No que tange ao emprego da modalidade nesse trecho podemos verificar o uso do verbo auxiliar modal ‘quero voltar’ e também a expressão de afinidade ‘alguma coisa assim’. Estas expressões, bem como as escolhas temáticas e o uso dos processos mental e material possibilitam estabelecer uma relação com as representações de realidade expostas no livro.

No primeiro momento do trecho é apresentada uma sentença que supostamente seja de Clarice Lispector, mas a mesma não é aplicada entre aspas. Ao contrário do que ocorre em outros momentos do livro quando há citação de obras ou falas de Clarice.

Sendo assim, no que se refere ao início do trecho, o verbo auxiliar modal e o emprego de uma escolha não

Legenda	Tema - [entre colchetes] Transitividade - negrito Modalidade – <u>sublinhado</u>
Trecho 3	[Quero voltar] para minha terrinha! [Quero] meus amigos e amigas pertinho! [Chega], acabou! [Não] sabemos se [ela] disse tudo isso, mas <u>alguma coisa assim</u> , talvez. [Em 1959] Clarice deu um basta nessa vida de diplomática, como de princesa, [e] voltou para o seu Brasil querido, para o Leme no Rio de Janeiro, bem pertinho do mar, [onde] morou até seus últimos dias. [Além de] escrever por prazer, [teve] de [começar] a trabalhar muito: “[A vida] era muito dura. [Não] podia gastar um centavo a mais. [Os meninos] iam à escola e [eu] precisava comer”. [Assim sendo], voltou ao jornalismo com força [e], com suas colunas e crônicas em diversos jornais, conquistou o povo.

Quadro 3. Análise das categorias tema, transitividade e modalidade (Trecho 3).

Chart 3. Analysis of the theme, transitivity and modality categories (Part 3).

Fonte: Elaborado pela autora a partir do livro *Clarice Lispector para meninas e meninos*.

marcada no tema da oração nos possibilita assinalar certo distanciamento da realidade vivenciada pela protagonista. No entanto, na oração subsequente é possível observar a fala da narradora ou narrador com um recurso de metatexto, criando o efeito de verdade ao expor que não há certeza sobre o fato, ‘Não sabemos se ela disse tudo isso, mas alguma coisa assim, talvez’, com o uso de um processo mental (‘saber’), indicando hipótese, e a expressão ‘alguma coisa assim’ que salienta indeterminação. Ressaltamos que esses marcadores de hipótese e indeterminação são recursos empregados como forma de alcançar credibilidade perante leitores e leitoras, em oposição ao que se passa nos contos de fadas tradicionais, em que o narrador ou narradora é onisciente. No livro de Clarice Lispector, a narradora ou narrador cria um efeito de incerteza na precisão da informação, o que possibilita que leitores e leitoras tenham espaço para fazer suas próprias interpretações.

Nos momentos finais do trecho, verificamos novamente a aproximação com a realidade, através do emprego de processos materiais, da ausência de recursos que indiquem modalidade e de uma citação com o uso de aspas.

Após estes apontamentos, nos encaminharemos para a análise do trecho referente ao final da história, expresso a seguir (Quadro 4).

Neste momento final do livro, podemos observar novamente escolhas marcadas no que se refere ao tema. Salientamos que, essas escolhas são motivadas por uma aproximação com o contexto de vida e das obras de Clarice Lispector, através do emprego de adjuntos

adverbiais de lugar: ‘Nesse romance’, ‘em suas centenas de histórias’.

Na análise da transitividade, embora ocorra novamente a frequência de processos materiais, destacamos o uso dos processos relacionais e mentais, que apareceram de forma mais recorrente, levando em consideração outros momentos do texto. Os processos mentais são evidenciados nos verbos ‘tornar’ e ‘imaginar’; e os relacionais no verbo ‘ser’.

Por fim, no que se refere à modalidade, nesse último trecho o verbo auxiliar modal ‘poder’ acompanhado do verbo ‘deixar’ é precedido de negação, instigando os leitores e as leitoras à ‘imaginar essa Clarice artista de cinema em preto e branco’.

Portanto, concluímos que, ao final do livro, a aproximação com o contexto das obras de Clarice Lispector através das escolhas marcadas de tema; o uso de processos relacionais e mentais, bem como o emprego de modalidade precedido de negação, são aspectos que corroboram com o incentivo à imaginação de leitores e leitoras. Ou seja, através destas estratégias fica visível o objetivo de conduzir o leitor ou leitora a ‘imaginar’ lugares e possibilidades nas histórias de Clarice Lispector, propondo, ao final do livro, novos começos.

Dimensão discursiva

De acordo com Fairclough (2001, p. 134) “todos os enunciados são povoados e, na verdade, constituídos por pedaços de enunciados de outros, mais ou menos

Legenda	Tema - [entre colchetes] Transitividade - negrito Modalidade – <u>sublinhado</u>
Trecho 4	[Nesse romance], também diz : [Pois] na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, [é] o instante de glória de cada um. [E] <u>não podemos deixar</u> de [imaginar] essa Clarice artista de cinema em preto e branco, em sua hora de estrela, em suas milhares de fotos com esse olhar de gato e [em suas centenas de histórias] que terminam de repente, [que] quebram regras [ou] que nunca terminam , [e] tornam a [começar]!

Quadro 4. Análise das categorias tema, transitividade e modalidade (Trecho 4).

Chart 4. Analysis of the theme, transitivity and modality categories (Part 4).

Fonte: Elaborado pela autora a partir do livro *Clarice Lispector para meninas e meninos*.

explícitos ou completos”. Portanto, através da dimensão discursiva, e, especificamente a partir da interdiscursividade, procuramos investigar a construção do livro infantil e suas relações discursivas. Ressaltamos que, as classificações feitas neste tópico são provenientes não apenas das análises aqui destacadas, mas também do caminho traçado até este momento.

Nessa dimensão, a análise será feita considerando cada categoria, de modo que, abordaremos primeiramente o discurso, posteriormente o tipo de atividade, e por fim, o estilo.

Na análise dos tipos de discurso que compõem o *corpus* de pesquisa, partimos da compreensão do discurso como um modo particular de construir um assunto. Logo, estruturamos a análise do *corpus* de pesquisa identificando os diferentes tipos de discurso, procurando vinculá-los com a respectiva área do conhecimento.

Enquadramos como parâmetro discursivo geral do livro o que denominamos história biográfica, uma vez que, narra a história de vida da protagonista com base em fatos reais. Logo, salientamos novamente a busca por credibilidade como um dos pressupostos dos livros, que se estruturam a partir de aproximações com a realidade e de um caráter factual.

Sendo uma obra biográfica, os livros utilizam diversos recursos para compor a história. No caso em específico da narrativa de Clarice Lispector podemos caracterizar três tipos de discurso que compõem o livro: discursos literários de Clarice Lispector; discursos de denotação; e discursos jornalísticos.

Os discursos literários de Clarice Lispector correspondem às cartas, crônicas, contos e livros da autora mencionados ao longo do texto. A citação a seguir é um recorte do momento em que o narrador ou a narradora

menciona o Romance escrito pela protagonista: “Pois como poderia eu dizer sem que a palavra mentisse por mim? Como poderei dizer senão timidamente assim: a vida se me é. A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro...” (Final do romance *A paixão segundo G.H.*).” Através desses discursos é possível realizar uma aproximação com Clarice Lispector, seus modos de escrita e as temáticas que abordava. Esses pressupostos discursivos atuam como ferramentas para compor a história biográfica e indicar uma aproximação com a realidade, como mencionamos anteriormente, ao analisar o tema, a transitividade e a modalidade.

Com um objetivo didático, é frequente o uso de discursos denotativos no livro. Esse tipo de discurso é empregado em determinados momentos do texto através da definição de palavras. Nos momentos em que são explorados os discursos de denotação, a narrativa é interrompida e os aspectos visuais (Figura 2) direcionam o olhar da leitora e do leitor para quadros de texto em que o significado é explorado.

Por fim, os discursos jornalísticos são menos frequentes ao longo do texto, mas também são explorados para compor a narrativa. Um exemplo aborda uma ocasião com o cachorro de estimação de Clarice Lispector: “Sim, Ulisses! Uma vez um jornalista mencionou você: ‘O cachorro tem um costume estranho: mastiga pontas de cigarro’.”

Através destes três tipos discursivos é possível observar a interdiscursividade na construção textual, que emprega diferentes recursos para compor a história final. Tratando-se de uma história biográfica, esses três recursos atuam com um pressuposto comum: a aproximação com a realidade de vida da protagonista.

Finalizada a análise dos tipos de discurso, pas-



Figura 2. Discursos de denotação.

Figure 2. Denotation discourses.

Fonte: Livro *Clarice Lispector para meninas e meninos*

samos, a partir de agora, para a análise dos tipos de atividades presentes no livro. Analisamos essa categoria a partir das posições de sujeito ou sujeita no texto. Portanto, delineamos as e os participantes no que se refere ao livro de Clarice Lispector.

No que tange às posições de sujeito e sujeita, elencamos duas instâncias: o texto e o contexto, de modo que o texto abrange a instância de representação e o contexto abrange a instância de interação. Sendo assim, no contexto encontram-se a autora do livro e as leitoras e os leitores; e no texto, uma instância voltada para o enredo da história, encontram-se os e as personagens da narrativa.

No que se refere ao contexto encontramos uma série de especificidades concernentes à produção e consumo do livro infantil. No entanto, destacamos que este não é o enfoque desta pesquisa e especialmente deste momento de análise, sendo assim, nos direcionamos para os apontamentos acerca texto.

No texto encontramos personagens que aparecem de modo direto e indireto na história. O diálogo que se estabelece de modo direto é voltado para a narradora ou o narrador; Clarice Lispector; e o personagem Ulisses (caracterizado como o “cachorro perguntador de Clarice”). Esses diálogos são organizados com apoio das citações de obras de Clarice Lispector, e um exemplo pode ser visualizado no quadro a seguir (Quadro 5).

Além destes sujeitos e sujeitas principais, existem outros e outras personagens que aparecem de modo indireto na narrativa, através de menções feitas pela narradora ou narrador, são eles e elas: o Marido de Clarice (um diplomata importante); Pedro (o pai de Clarice); Marieta (a mãe); Elisa e Tânia (as irmãs); os animais (macaco, galinhas, gato); e Paulo e Pedro (os filhos de Clarice).

Esses recursos nos permitem observar novamente o índice de interdiscursividade, por meio da interatividade entre os e as participantes ao longo do texto. Concebemos o emprego desses recursos como proposições para uma experiência de leitura mais didática e concernente com o público infantil.

Ainda no que se refere ao texto, destacamos o papel da narradora ou narrador de forma atuante na história como forma de romper com o caráter impessoal e onisciente sob o qual se estruturavam as narrativas clássicas. No *corpus* de pesquisa fica visível um espaço direcionado à dinamicidade e parcialidade diante dos fatos apresentados, trazendo complexidade à história e possibilitando a leitores e leitoras diferentes interpretações.

No que se refere a última categoria da dimensão discursiva, o estilo, apoiamo-nos nas características campo, teor e modo, estruturadas por Halliday (1989) para compor a ambiência contextual em que se encontra o *corpus* de pesquisa. Ressaltamos que, caracterizamos esses três pressupostos a partir da análise textual e discursiva explanada até o momento.

O campo é atrelado à natureza da ação social e acreditamos que esteja diretamente relacionado com as intenções a serem alcançadas com o texto, sendo assim, com apoio da análise textual e da descrição da editora, caracterizamos o campo na seguinte sentença: proposta de reorganização retórica e ideológica de acordo com pressupostos literários biográficos voltados ao público infantil.

No que se refere à classificação do teor, ou seja, da relação que se estabelece entre os e as participantes, reiteramos a classificação das posições de sujeitos e sujeitas no que tange o contexto aprofundando essa categorização através da adoção da criança como receptora e a autora do

Legenda: Ulisses – negrito Narradora – [entre colchetes] Clarice Lispector – <u>sublinhado</u>
Mas depois ela ficou famosa, não é? Porque eu me lembro de que vinham entrevistá-la... [Sim, sim, depois sim. E até ela se surpreendeu. Recordo que disse em uma carta:] <u>“Isto me deixa um pouco perplexa. Será que estou na moda? E por que as pessoas se queixam de não me entender e agora parecem me entender?”</u>

Quadro 5. Posições de sujeito e sujeita representados no livro.

Chart 5. Positions of the subjects represented in the book.

Fonte: Elaborado pela autora a partir do livro *Clarice Lispector para meninas e meninos*.

livro como emissora. Ainda cabe destacar possibilidades de mediação social neste contexto, tal como a mãe, o pai ou outra pessoa com caráter pedagógico como uma professora, um professor ou um pedagogo, uma pedagoga desempenhando o papel de mediador ou mediadora. Logo, o teor do livro infantil configura uma relação prioritariamente educativa e pedagógica.

Por fim, o modo pode ser compreendido a partir de quatro principais categorias do texto: persuasivo, didático, expositivo, similar (HALLIDAY, 1989). Neste caso, enquadramos o livro a partir do caráter didático e persuasivo. O caráter didático foi delineado com base nas reflexões expostas nos tópicos anteriores, principalmente a partir dos discursos denotativos. Ademais, a caracterização de modo persuasivo é considerada, uma vez que, compreendemos o livro infantil como objeto midiático, e, portanto, como prática sob a qual são gerados efeitos considerando as pessoas e suas atividades relacionadas a mídia (COULDRY, 2012).

Finalizada a análise da dimensão discursiva, passaremos, a partir deste momento, para a dimensão social.

Dimensão social

No que concerne à dimensão social, abordamos como categorias as ordens de discurso, os efeitos ideológicos e políticos do discurso, e a matriz social do discurso.

A fim de mapear as ordens de discurso, analisamos duas subcategorias: a democratização e a tecnologização. A democratização refere-se à “retirada de desigualdades e assimetrias dos direitos, das obrigações e do prestígio discursivo e linguístico dos grupos de pessoas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 248). Tratando-se de relações de gênero, esta categoria configura-se como um pressuposto

fundamental para compor o início de uma equivalência no que se refere às representações de gênero.

O segundo aspecto, a tecnologização, refere-se às “técnicas transcontextuais que são consideradas como recursos ou conjunto de instrumentos que podem ser usados para perseguir uma variedade ampla de estratégias em muitos e diversos contextos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 264). Através dessa subcategoria, que será aplicada de forma adaptada de Fairclough (2001), buscamos compor um quadro de recursos empregados no texto que são provenientes de diferentes mídias, observando e elencando as principais estratégias utilizadas no livro infantil.

Para pensar a democratização do discurso a partir do *corpus* de pesquisa nos direcionamos para as relações de gênero na linguagem (FAIRCLOUGH, 2001). Nesse prisma, autor destaca os aspectos antidemocráticos do uso linguístico “como o uso de ‘ele’ como se fosse um pronome genérico para se referir tanto a mulheres quanto a homens, ou o uso de ‘homem’ e termos semelhantes” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 253).

Compomos o panorama analítico referente à democratização discursiva mapeando o emprego de flexões de gênero presentes no livro. Observamos que, sentenças como “leitoras e leitores” / “outros e outras” / “as e os escritores” / “amigas e amigos” são muito frequentes no livro. Ao total, mapeamos a ocorrência de treze flexões de gênero seguindo estes modelos. O próprio título do livro evidencia a proposta de forma notória: “Clarice Lispector para meninas e meninos”. Ainda, a autora faz uso recorrente de palavras como “crianças” / “pessoas” entre outras, que não são genericadas, tornando o discurso mais abrangente e simétrico.

No que se refere à democratização, acreditamos que as representações de gênero ocorrem de modo sa-



Figura 3. Recursos de tecnologização (*hiperlinks* e distribuição textual).

Figure 3. Technology resources (*hiperlinks* and textual distribution).

Fonte: Livro Clarice Lispector para meninas e meninos.

tisfatório, concernentes com os propósitos do livro. No entanto, não há um destaque para mudanças discursivas inovadoras. Destacamos a partir de Fairclough (2001, p. 255) que “a luta sobre essas formas continua e, embora a democratização de práticas discursivas relacionadas a gênero não seja um processo fácil e universal, as assimetrias de gênero no discurso tem sido desnaturalizadas e problematizadas numa escala significativa”.

No que tange à tecnologização, nos distanciamos um pouco do conceito tal como Fairclough (2001) elucida, e o adaptamos às demandas do *corpus* de pesquisa. Sendo assim, localizamos duas principais marcas de tecnologização presentes no livro: a distribuição textual e o uso de *hiperlinks*.

Ao elencar a distribuição do texto como um critério de análise, acreditamos contemplamos um aspecto mencionado pela própria autora dos livros em uma entrevista a um site argentino: a preocupação como entendimento dos novos formatos de leitura através de uma linguagem não linear (VERDILE, 2016). Nessa perspectiva, destacamos a construção organizada em diversos blocos ou janelas de texto como uma estratégia discursiva de aproximação com a internet. O que nos direciona ao segundo aspecto que atribuímos a tecnologização: o uso de *hiperlinks*.

O emprego de *hiperlinks* ocorre nos momentos em que são expostos os discursos de denotação, mencionados anteriormente. Ou seja, estes discursos são inseridos no livro através de uma ferramenta que os liga ao texto principal. É possível observar esse recurso também como uma forma de aproximação com a linguagem *hipertextual*, ou seja, é possível enxergar conexões entre diferentes

discursos ao longo do livro, tal como ocorre na linguagem da internet. Os recursos podem ser observados na a seguir (Figura 3).

Esses recursos corroboram com a convergência de formatos e suportes midiáticos, que entendemos aqui, como aspectos de mudança discursiva. Uma vez que, existe o emprego da potencialidade criativa da linguagem (FAIRCLOUGH, 2001), como ferramenta para aproximar leitores e leitoras com a linguagem literária e ao mesmo tempo *hipertextual*.

A segunda categoria pertencente à dimensão social refere-se aos Efeitos ideológicos e políticos do discurso. Fairclough (2001) defende a concepção de que a ideologia está presente tanto nos textos quanto nas relações contextuais, através da reprodução ou reinterpretação dos textos. Compreendemos a importância de abarcar a visão de leitores e leitoras, e de não colocá-los e colocá-las em uma posição de imunidade em relação aos efeitos das ideologias que estão nos textos (FAIRCLOUGH, 2001). No entanto, a proposição inicial que defendemos restringe-se a análise dos textos considerando o contexto a partir das relações de gênero. Sendo assim, seguimos os pressupostos de Fairclough (2001) para interpretar o investimento ideológico dos textos a partir dos sentidos e da estrutura textual.

Os sentidos das palavras configuram o caráter ideológico do discurso, mas devemos compreender que “os sentidos dos textos são estreitamente interligados com as formas dos textos, e os aspectos formais dos textos em vários níveis podem ser investidos ideologicamente” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 119). Desse modo, apoiamos

a análise da ideologia a partir dos aspectos mapeados e das discussões realizadas anteriormente, ao longo das análises textual e discursiva.

Para o Fairclough (2001), as práticas discursivas são uma característica da luta hegemônica. Nesse sentido, são as possibilidades de transgressão através do discurso que pretendemos explorar com a abordagem do gênero por meio dos textos e de suas características de linguagem.

A partir de Fairclough (2001) adotamos o conceito de hegemonia como uma matriz e um modelo para a análise do discurso. A hegemonia como matriz refere-se a “uma forma de analisar a prática social a qual pertence o discurso em termos de relações de poder” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 126), essa análise será realizada no tópico seguinte, denominado matriz social do discurso. Já no que concerne ao entendimento da hegemonia como modelo, nos referimos a “uma forma de analisar a própria prática discursiva como um modo de luta hegemônica, que reproduz, reestrutura ou desafia as ordens de discurso existentes” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 126). Assim, exploramos a concepção de hegemonia como modelo para compreender o investimento ideológico das práticas discursivas.

A partir deste momento, citaremos alguns trechos do livro cujos sentidos direcionam para rompimentos ideológicos e/ou hegemônicos de paradigmas de gênero.

O primeiro trecho corresponde ao que foi exposto previamente na análise textual referente ao momento inicial da história. No qual verificamos rupturas discursivas no que se refere ao gênero a partir da modalidade. Reiteramos este trecho para elucidar transgressões tanto no que concerne a forma, quanto ao sentido. A partir da concepção de que “Sim, sim, sim, poderia ser uma princesa... Mas Clarice não quis, isso sempre a incomodou.”. Ainda, reiterado pelas próprias palavras de Clarice “que se sentia como ‘um peixe fora d’água’ entre essa gente fora do Brasil” já que “Clarice odiava essa vida diplomática” “Porque ela era exatamente o contrário!”.

Neste momento inicial do texto já é possível observar de forma bastante explícita um deslocamento do papel que Clarice deveria desempenhar para o que ela de fato escolheu desempenhar ao longo de sua vida. O livro inicia propondo inquietações a respeito do papel da mulher perante a sociedade e mostrando que existem possibilidades diferentes e formas de romper com estruturas hegemônicas.

O segundo momento de deslocamento do papel a ser desempenhado por Clarice relaciona-se à sua prática literária. A autora do livro expressa a “estranheza na literatura” de Clarice Lispector, reiterando que ela se con-

siderava uma “antiescritora”. Seu comportamento como escritora fugia a regra, era algo próprio, uma alternativa ao modelo hegemônico da época. “As e os escritores costumavam levar uma vida de reclusão e silêncio. Ela, ao contrário, queria estar ali, trabalhando, com seus filhos.” O livro tem o objetivo de mostrar que Clarice possuía uma lógica muito pessoal de escrever, e que, embora não o fizesse como as demais escritoras, ficou famosa e reconhecida por seu estilo literário. Neste momento o intuito é frisar que ideologias contra-hegemônicas também podem ter um espaço na sociedade. Essa representação de Clarice Lispector possibilita uma nova alternativa de identificação para leitoras e leitores.

Um terceiro momento que marca rupturas hegemônicas através do discurso refere-se à relação de Clarice Lispector com o casamento, que pode ser observada na citação a seguir: “...Ah, e centenas de pretendentes que queriam se casar com ela. Mas sabe o que ela lhes dizia? Que não tinha nascido para casar. E falava de dar ouvidos aos próprios desejos: ‘Respeita as tuas exigências, respeita mesmo o que é mau em ti’.” Nesse trecho observamos a ruptura com a tradicional configuração familiar, composta por mãe, pai e filhos ou filhas. Além de compor uma nova configuração composta pelo papel de mãe e filhos, é ressaltado o enfoque na subjetividade. Ou seja, a partir deste trecho verificamos o direcionamento para a individualidade de Clarice Lispector, respeitando a singularidade de seus desejos, mesmo que estes não estejam de acordo com predeterminações sociais.

Ao avançar um pouco mais na leitura, encontramos a inserção de Clarice Lispector na luta contra a repressão. Nesse momento ela é representada como uma pessoa que “se importava com a realidade social”. O que é confirmado com uma citação da própria Clarice: “Na verdade, me sinto comprometida. Tudo o que escrevo está ligado, pelo menos dentro de mim, à realidade em que vivemos”. A partir dessas referências verificamos novamente um movimento de aproximação com a realidade, e, para além disso, um movimento de reflexão e incitação às leitoras e aos leitores no que se refere a preocupação com o contexto social e o respeito à diversidade de opiniões.

Por fim, como um último momento de ruptura de paradigmas, elucidamos o último trecho do livro, também abordado na análise textual. Nessa ocasião, o livro apresenta a morte de Clarice Lispector de forma bastante natural, como algo “inevitável”, faz considerações acerca de sua doença, e finaliza de forma mais sutil, conforme o que foi expresso anteriormente: conduzindo o leitor e a leitora a “imaginar” lugares e possibilidades nas histórias de

Matriz hegemônica	Matriz contra-hegemônica
Contos de fadas	Coleção Antiprinçasas
Personagens principais: princesas, heróis	Personagens principais: antiprinçasas
Livros inspirados no contexto social feudal	Livros inspirados no contexto social atual
Estórias ficcionais	Histórias reais
Universo mágico	Universo didático
Realização individual pelo amor	Realização individual pela profissão (música, arte, escrita)
Relações de dominação	Relações de independência
Características femininas estereotipadas	Mulheres como sujeitas múltiplas

Quadro 6. Matriz social do discurso.

Chart 6. Social matrix of discourse.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Bettelheim (1980), Coelho (2012), Antonini (2016) e no livro *Clarice Lispector para meninas e meninos*.

Clarice Lispector, propondo novos começos. Destacamos como movimento de ruptura a representação da morte de Clarice, que ocorreu de forma bastante pontual e objetiva, não subestimando o entendimento de leitores e leitoras.

Por fim, a última categoria pertencente à dimensão social é a matriz social do discurso, que está diretamente relacionada com os aspectos hegemônicos do discurso, uma vez que, busca especificar relações e estruturas sociais e hegemônicas que constituem a matriz da obra (FAIRCLOUGH, 2001). Neste momento, buscamos caracterizar a matriz hegemônica que deu origem ao livro antiprinçasas, bem como estabelecer as relações com essa matriz.

Sendo assim, caracterizamos o conto de fada tradicional como matriz hegemônica para o desenvolvimento dos livros que compõem o *corpus* de pesquisa. Ressaltamos que essa definição é decorrente especialmente das relações de gênero expostas pelos livros. Portanto, realizamos uma breve análise comparativa dos pressupostos narrativos que compõem os contos de fadas e os contos antiprinçasas (Quadro 6). Com o objetivo principal de compreender as relações estabelecidas entre as estruturas dos livros, identificando se os livros antiprinçasas estabelecem vínculos criativos, inovadores ou reestruturantes no que tange a matriz hegemônica.

A partir desses breves apontamentos acerca de cada matriz social acreditamos que a Coleção Antiprinçasas atua de forma criativa e reestruturante em relação aos contos de fadas. A criatividade pode ser observada na própria denominação da coleção, bem como nas ordens de discurso observadas anteriormente, através de recursos de aproximação com a linguagem da internet. A

reestruturação está atrelada principalmente à abordagem de histórias reais em um universo didático, tal como observamos através dos discursos de denotação que são utilizados para compor a história biográfica.

No que se refere especialmente as relações de gênero, acreditamos que o caráter reestruturante também se encontra presente, no momento em que o protagonismo é dado a Clarice Lispector como uma mulher que poderia ter vivido uma vida de princesa, mas não se enquadrou nesse modelo, decidindo viver uma vida de antiescritora.

Concluimos este exercício de análise acreditando na potencialidade das categorias de análise a partir das três dimensões do discurso. Consideramos o livro infantil como objeto passível de múltiplas interpretações e intersecções que ratificaram a importância e a complexidade de seu papel midiático e social.

Considerações finais

Neste momento final do texto conduziremos algumas proposições, de modo a recuperar argumentos teóricos e analíticos para compor alguns resultados de pesquisa.

Ao retomar as categorias referentes à dimensão textual (o tema, a transitividade e a modalidade), acreditamos que elas nos possibilitaram, especialmente, demarcar pontos de aproximação com a realidade presentes no discurso. A partir de Fairclough (2001), salientamos previamente o caráter discursivo de representação e significação da realidade. Nesse sentido, observamos no texto o intuito de compor uma linha tênue entre essas duas potencialidades da linguagem, ou seja, existe um esforço

em representar a realidade vivenciada por Clarice Lispector, no sentido de propor ressignificações do que seriam os papéis socialmente esperados para a figura feminina, incentivando leitores e leitoras a imaginar uma realidade que apresenta diferentes possibilidades de identificação, geralmente ausentes na mídia hegemônica.

Ainda a partir da dimensão textual, observamos rupturas discursivas no que se refere ao gênero, em especial, a partir da modalidade. Nessa lógica, reiteramos a representação de Clarice Lispector no que se refere quebra de predeterminações. A obra demarca e reforça com o emprego de advérbio modal o fato de Clarice ser uma mulher que não se enquadrou na vida de princesa.

Souza (2000) destaca a recorrência de representação de mulheres a partir da relação de dominação. “Dos livros de civilidade e boas maneiras às revistas de moda e comportamento, foram feitas inúmeras prescrições no sentido de colocar as mulheres em um lugar de subordinação, através de um controle minucioso de seus corpos (SOUZA, 2000, p. 119). As princesas frequentemente acabam por configurar papéis que estabelecem essa relação de subordinação, reiterando o caráter de fragilidade, gentileza e benevolência (ANTONINI, 2016). O que interpretamos a partir da história de Clarice Lispector é, de fato, “exatamente o contrário”. A obra apresenta uma antiescritora, com uma vida inquieta, repleta de situações de inconformação e transformação, que não seguem o padrão da matriz hegemônica.

Posteriormente, a análise da dimensão discursiva nos proporcionou uma ferramenta de caracterização do corpus. Por meio do mapeamento dos discursos que compõem o livro foi possível observar novamente as marcas de aproximação com a realidade. Ademais, verificamos os tipos de sujeitos e sujeitas e o direcionamento para uma experiência de leitura mais dinâmica e didática. Ainda, destacamos em particular o recurso de antítese a um narrador ou uma narradora onisciente, transferindo ao texto maior credibilidade e uma visão mais questionadora e complexa dos fatos. Em suma, a dimensão discursiva nos possibilitou caracterizar o texto em sua relação com o contexto.

No que concerne à dimensão social, foi possível mapear os traços linguísticos que pressupõem mudanças discursivas e lutas hegemônicas, além das relações estabelecidas com a matriz hegemônica do discurso.

Especialmente no que se refere aos efeitos ideológicos e políticos do discurso destacamos a ruptura com a concepção de “papel social da mulher”, negando predeterminações sociais e enfatizando a identidade de gênero

da protagonista. De acordo com Louro (2008, p. 24) os “papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar”, uma concepção contrária ao viés em que compreendemos o conceito de gênero a partir de Louro (2008), de forma fundamentalmente social e relacional. Nessa perspectiva, destacamos três aspectos principais em que podemos observar a personagem transcender o desempenho destes papéis socialmente esperados para as mulheres: a relação de Clarice com uma suposta vida de princesa, com a prática literária e com o casamento. O que verificamos através dessas três configurações na vida da protagonista são rupturas de performances de gênero.

Essa conclusão nos leva a pensar que o livro como objeto midiático, ao questionar e apresentar novas formas de significar as relações de gênero está propondo também novas possibilidades de representação. Portanto, acreditamos, a partir da análise aqui exposta, que existem possibilidades de um espaço de identificação que se molda de forma mais diversificada e contra-hegemônica. Em suma, o livro infantil se mostrou um espaço produtivo, múltiplo e diversificado, especialmente por ser analisado a partir de variadas dimensões.

Referências

- ANTONINI, B. 2016. Antiprinças: de rupturas e igualdades. *Catalejos: Revista sobre lectura, formación de lectores y literatura para niños*. 2 (3): 238-243.
- BETTELHEIM, B. 1980. *A psicanálise dos Contos de fadas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 366 p.
- BRAGA, J. L. 2011. Constituição do campo da comunicação. *Revista Verso e Reverso*. 25 (58): 62-77.
- BUTLER, J. 2003. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 235 p.
- CHIRIMBOTE. 2017. Chirimbote. *Quienes somos*. Disponível em: <http://chirimbote.com.ar/>. Acesso em: 07/03/2017.
- COELHO, N. N. 2012. *O conto de fadas: símbolos – mitos – arquétipos*. São Paulo, Paulinas, 159 p.
- COULDRY, N. 2012. *Media, society, world: Social Theory and Digital Media Practice*. Cambridge, Polity, 246 p.
- FAIRCLOUGH, N. 2001. *Discurso e mudança social*. Tradução: Izabel Magalhães. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 316 p.
- FINK, Nadia. 2016. *Clarice Lispector para meninas e meninos*. Tradução: Sieni Maria Campos. Florianópolis: SUR Livro.

HALLIDAY, M. A. K. 1994. *An introduction to a Functional Grammar*. New York, St Martin's Press Inc.

_____. 1989. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford, Oxford University Press.

LOURO, G. L. 2008. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 10ª ed, Petrópolis, Vozes, 179 p.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B.; SZWAKO, J. E. (orgs). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berleandis & Vertecch, 2009.

SOUZA, J. F. 2000. Infância, gênero e sexualidade. *Educação & Realidade*. 25 (1): 115-131.

VERDILE, L. 2016. Entrevista a Nadia Fink: conocé a las "antiprincesas", una mirada distinta de la mujer. Disponível em: <<http://www.laprimera Piedra.com.ar/2016/02/entrevista-a-nadia-fink-conoce-a-las-antiprincesas-una-mirada-distinta-de-la-mujer/>>. Entrevista concedida a Laura Verdile. Acesso em: 16/11/2016.